

DIOCESE DE BAFATÁ

**A IGREJA ANUNCIA O EVANGELHO
COM ALEGRIA**



**IGREJA TA KONTA VANJELIU
KU ALEGRIA**

PROJETO PASTORAL
para o triênio 2018-2021



Diocese de Bafatá

Caixa Postal 385

Bissau, Guiné Bissau

Cel: 00245 661 27 42 ; 5347658

E-mail: dompedrozilli@gmail.com

Promulgação do Projeto Diocesano de Pastoral 2018-2021

Caros Diocesanos e Diocesanas,

com esta carta, promulgo o Projeto Diocesano de Pastoral para o triénio 2018-2019, 2019-2020, 2020-2021 - que tem como tema **“A Igreja anuncia o Evangelho com alegria”**.

Apresento também as propostas de atuação para o Ano Pastoral 2018-2019, cujo lema será **“Bo bin, no bai”**, que constitui um convite a vivermos **“uma Igreja em saída”**, como o Papa Francisco ama recordar.

Em 2021 a Diocese completará 20 anos de criação pelo querido São Joao Paulo II. Como realçado na formação de 09 a 11 de janeiro, orientada pela equipa do Centro Missionário de Verona e na 4ª Assembleia Diocesana de Pastoral, nos dias 25 a 27 de junho, o Projeto Diocesano de Pastoral será uma propícia ocasião à preparação e vivência das celebrações destes 20 anos.

À luz do Evangelho de Lucas 24,13-35, com especial atenção ao v. 15, **“o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles”**, queremos responder ao apelo do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* 24: **“ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa”**.

A partir da atitude de Jesus, das palavras do Papa, dos desafios, conquistas e experiências vividas pela Igreja da Guiné-Bissau, interpelo as Paróquias/Missões da Diocese, que intensificando toda a atividade pastoral em andamento, deem uma especial atenção

ao Primeiro Anúncio e ao processo de Inculturação, conforme as orientações deste nosso Projeto Diocesano de Pastoral.

Nesta nobre e árdua tarefa, convido a todos a terem presentes as palavras do Papa Bento XVI na Exortação Apostólica *Africae Munus*, 37: “discernir os elementos culturais e as tradições que são contrários ao Evangelho tornará possível separar o trigo bom do joio (cf. *Mt* 13, 26). Assim o cristianismo, embora permanecendo plenamente o que é, na fidelidade absoluta ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, revestirá a fisionomia de inúmeras culturas e dos povos onde for acolhido e lançar raízes”.

Agradeço a Deus, que continua iluminando o caminho da nossa Diocese, com os dons do seu Espírito; agradeço os amigos do Centro Missionário de Verona, nas pessoas do seu Vice-Diretor Pe. Dario Vaona; do pastoralista e pároco Pe. Ezio Falavegna e Pe. Michele de Santi por nos terem ajudado a dar os primeiros passos na elaboração do Projeto; agradeço o Conselho Permanente de Pastoral, sob a coordenação do Pe. Giuseppe Pizzoli, pela elaboração dos subsídios e condução dos trabalhos; agradeço a todos os diocesanos que contribuíram com a própria reflexão e sugestões, a partir de suas experiências concretas e daquilo que esperam para o bem da nossa Igreja.

Augurando que o Projeto Diocesano de Pastoral seja carinhosamente assumido pelas Paróquias/Missões, Comissões, Caritas, Movimentos, etc, e ilumine a vida da Diocese no seu serviço às comunidades e ao povo do seu território, peço à Virgem Maria que cubra com o seu manto sagrado a nossa caminhada eclesial nos próximos 03 anos.

Unidos no amor à Missão,

Bafatá, 16 de julho de 2018

Memória de Nossa Senhora do Carmo

+ Pedro Carlos Zilli

Dom Pedro Carlos Zilli
Bispo de Bafatá

A IGREJA ANUNCIA O EVANGELHO COM ALEGRIA

IGREJA TA KONTA VANJELIU KU ALEGRIA

Nos dias 9-11 de janeiro de 2018 foi realizado, na nossa Diocese, um encontro de formação para todos os padres, missionários e agentes de pastoral, em vista da elaboração de um novo projeto pastoral para o triênio 2018-2021. Neste encontro tivemos ocasião de refletir sobre a vida da Igreja de Jesus Cristo na diocese de Bafata: sobre a caminhada feita até agora e o que esperamos para o futuro.

Em primeiro lugar, fomos convidados a fazer uma leitura da realidade (VER), ou seja, a refletir sobre o momento atual da nossa caminhada de Igreja, o que estamos vivendo.

Num segundo momento fizemos uma reflexão sobre o sentido e as perspectivas desta caminhada: foi o momento do JULGAR. Analizamos:

- o que já existe de positivo na nossa caminhada de Igreja (foi marcada principalmente a presença e o testemunho da igreja no âmbito social: serviços de assistência sanitária e as numerosas escolas. Foi ressaltado também o compromisso das comunidades e das paróquias no âmbito da Liturgia, da Catequese e no compromisso com os jovens);
- o que precisa melhorar (indicando como urgente um compromisso mais profundo no Primeiro Anúncio, tanto nas tabankas, como também nas cidades. É imprescindível a abertura de caminhos no âmbito da inculturação do evangelho nesta realidade guineense);
- quais os compromissos necessários, as prioridades para a prossecução da caminhada.

Neste Projeto Pastoral para o próximo triênio vamos realizar o que naquele encontro de formação, no último dia, na fase do AGIR, conseguimos intuir para o futuro e o bem da nossa Igreja: vamos planejar os passos e os compromissos a serem vividos para levar a nossa Igreja diocesana a um nível de maior maturidade, digno dos seus primeiros vinte anos de vida, que serão celebrados e festejados à conclusão deste triênio.

O que mais apareceu claro na leitura da realidade é a necessidade de investir maiores esforços e energias no “primeiro anúncio”, nas tabankas e nas cidades, na capacidade de nos aproximarmos ao povo oferecendo a novidade e a alegria do Evangelho. Principalmente neste âmbito do primeiro anúncio foi marcada a necessidade de um trabalho mais amplo e mais profundo em vista da “inculturação” do Evangelho.

Além destes dois aspectos, que podemos considerar “prioridades”, nos dias de formação, a partir da experiência dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), como também daquela de Filipe e o eunuco (At 8, 26-40) apareceram claros três objetivos, ou seja, três etapas dos nosso trabalho pastoral:

1. Introduzir à fé (cfr. At 8 e Lc 24) (criatividade para ajudar a entrar)
2. Acompanhar a fé e cultivá-la até a sua celebração (tomar pela mão)
3. Levar à maturidade da fé (Jesus desaparece..., Filipe desaparece... e os discípulos vão pra frente sozinhos).

O Projeto Pastoral que vamos apresentar leva em contas estas indicações, fruto de um bom trabalho comunitário e se enriquece com as indicações do Papa Francisco, na Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”, “A alegria do Evangelho” na qual apresenta o rosto de uma Igreja “em saída”, que busca caminhos para uma Nova Evangelização.

Nesta Exortação Apostólica achamos particularmente significativo, para a caminhada da nossa Igreja, principalmente no âmbito do Primeiro Anúncio, o numero 24, no qual Papa Francisco diz:

“A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa!

Como consequência, a Igreja sabe «*envolver-se*». Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: «Sereis felizes se o puserdes em prática» (Jo 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a «*acompanhar*». Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações.

Fiel ao dom do Senhor, sabe também «*frutificar*». A comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reacções lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo, mas o seu sonho não é estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida

e manifeste a sua força libertadora e renovadora. Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre «festejar»: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia.” (EG 24)

Cristo não tem mãos
Tem só as nossas mãos
Para fazer o Seu trabalho hoje.
Cristo não tem pés
Tem só os nossos pés
Para guiar os homens
Nos seus caminhos.
Cristo não tem lábios
Só tem os nossos lábios
Para falar aos homens de hoje.
Cristo não tem meios
Tem só a nossa ajuda
Para conduzir os homens para Si.
Nós somos a verdadeira Bíblia
Que as pessoas ainda lêem!
Somos a última mensagem de Deus
Escrita em obras e palavras.

(oração de autor anônimo do séc. XIV)

O PROJETO PASTORAL 2018-2021

O Projeto Pastoral 2018-2021 tem como referência bíblica principal a experiência dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)

- no encontro com Jesus que se aproxima,
- no diálogo com ele que ajuda a dar um sentido aos acontecimentos daqueles dias e os acompanham a redescobrir e cultivar a opção de vida deles
- e na alegria que enche o coração deles ao reconhecê-lo, levando-os para a missão de anunciar.

A nossa Igreja diocesana deseja reviver a mesma experiência para crescer na caminhada de evangelizados e evangelizadores e assim chegar à maturidade dos 20 anos de caminhada, que serão celebrados à conclusão deste projeto.



Os discípulos de Emaús

¹³ Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, a uns dez quilômetros de Jerusalém. ¹⁴ Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. ¹⁵ Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. ¹⁶ Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecê-lo. ¹⁷ Então Jesus perguntou: “O que andais conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste, ¹⁸ e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: “És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?” ¹⁹ Ele perguntou: “Que foi?” Eles responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. ²⁰ Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. ²¹ Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! ²² É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos assustaram. Elas foram de madrugada ao túmulo ²³ e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que ele está vivo. ²⁴ Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém viu”. ²⁵ Então ele lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! ²⁶ Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?” ²⁷ E, começando por Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele. ²⁸ Quando chegaram perto do povoado para onde iam, ele fez de conta que ia adiante. ²⁹ Eles, porém, insistiram: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Ele entrou para ficar com eles. ³⁰ Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. ³¹ Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. ³² Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” ³³ Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos. ³⁴ E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” ³⁵ Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

Lc 24, 13-35

| <i>Ano Pastoral</i> | <i>Lema</i> | <i>Tema</i> |
|---------------------|---|---|
| 2018-2019 | <p><i>“Jesus se aproximou e caminhava com eles” Lc 24, 15</i></p> <p>BO BIN, NO BAI</p> <p>Como Igreja saímos pelas ruas</p> | <p><i>A coragem da saída.</i></p> <p><i>Os desafios da inculturação da fé</i></p> |
| 2019-2020 | <p><i>“Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?” Lc 24, 32</i></p> <p>NO IANDA DJUNTU, TRAS DI JESUS</p> <p>Acompanhemos como Igreja os caminhos da fé</p> | <p><i>Acompanhar os caminhos da fé.</i></p> <p><i>Caminhar Juntos, à luz da Palavra</i></p> |
| 2020-2021 | <p><i>“Voltaram para Jerusalem ... contaram o que tinha acontecido” Lc 24, 33.35</i></p> <p>NO BAI KONTA BOM NOBA</p> <p>Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova</p> | <p><i>Levar à maturidade da fé.</i></p> <p><i>Celebrar e anunciar</i></p> |

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, queremos priorizar e amadurecer a atitude de Jesus que **se aproxima** aos tristes. É a atitude que Papa Francisco chama de “primeirar”, “tomar a iniciativa” (EG 24), ir ao encontro daqueles que não conhecem ainda Jesus Cristo com atitude de atenção, de disponibilidade, de solidariedade... Nesta atitude de aproximação não podemos esquecer que vivemos num ambiente muçalmánizados e temos que buscar e incentivar sempre um diálogo inter-religioso. Como também, é importante manter sempre com as numerosas expressões evangélicas presentes no território, uma atitude de respeito e de diálogo ecumênico.

- versículo-guia deste ano será Lc 24, 15: *“Jesus se aproximou e caminhava com eles”*.
- lema será: **“BO BIN, NO BAI”**: é o convite a vivermos uma Igreja em saída.
- E os temas a serem trabalhados serão principalmente dois:
 - por um lado, ajudar a comunidade a ter a coragem de sair estudando com criatividade, métodos e estratégias para introduzir à fé
 - por outro lado, encarar e aprofundar os desafios da inculturação

No segundo ano pastoral, 2019-2020, queremos priorizar a atitude de Jesus que **se envolve** nas situações vividas pelo dois discípulos de Emaús e os **acompanha** num diálogo que abre novos sentidos e novos horizontes. Papa Francisco convida a entrar na vida diária dos outros: “Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz”.

- O versículo-guia deste segundo ano será Lc 24, 32: *“Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?”*.
- O lema será: **“NO IANDA DJUNTU, TRAS DI JESUS”**.
- E os temas a serem desenvolvidos serão:
 - Caminhar Juntos, à luz da Palavra
 - Acompanhar e cultivar os caminhos da fé. Neste âmbito queremos valorizar e incentivar o papel do “fiador” e dos padrinhos

No terceiro ano pastoral, 2020-2021, queremos priorizar as atitudes da maturidade da fé: os discípulos, com Jesus no coração, correm para anunciar a riqueza do encontro com ele e transmitir a alegria que encheu os seus corações.

- O versículo-guia deste terceiro ano será Lc 24, 33.35: “Voltaram para Jerusalem ... contaram o que tinha acontecido”.
- O lema será: “**NO BAI KONTA BON NOBA**”.
- E os temas a serem desenvolvidos serão:
 - Levar à maturidade da fé.
 - Celebrar e anunciar: celebrar os vinte anos de caminhada da Diocese e transmitir a Alegria do Evangelho.

Em cada ano pastoral se procurará desenvolver o tema nas quatro dimensões indicadas pelos nossos orientadores no encontro de formação de janeiro de 2018:

- A **Estrada**: ir ao encontro das pessoas. Será uma prioridade no primeiro ano, mas deverá tornar-se uma atitude permanente
- A **Palavra**: oferecer reflexões bíblicas que ajudem no aprofundamento do tema e na formação dos agentes de pastoral, como também, sugestões para a Catequese
- A **Celebração**: valorizar momentos litúrgicos e eventos celebrativos que nos ajudam a marcar os passos desta caminhada
- As **Novas Relações**: procurar que o trabalho pastoral dê frutos de vida nova e de caridade.

ÂMBITOS DE APLICAÇÃO DO PROJETO PASTORAL 2018-2021

A partir da leitura da realidade feita durante a formação pastoral de 9-11 de janeiro de 2018 percebemos que o nosso trabalho, numa situação pastoral tão diferenciada, não pode ser uniforme e indefinido. A nossa ação pastoral precisa ser articulada e melhor identificada com as diferentes situações e níveis de caminhada de fé.

Por isso, identificamos quatro diferentes âmbitos de ação:

1. âmbito do **“Primeiro Anúncio”**, onde é necessário ajudar a amadurecer o desejo, o propósito e o pedido de seguir Jesus;
2. âmbito da **“Evangelificação”** dos que já manifestaram o desejo de conhecer melhor Jesus e o propósito de se tornarem seus discípulos, ou seja, os pré-catecúmenos e os catecúmenos;
3. âmbito da **“Comunidade Cristã”** já constituída pelos Sacramentos da Iniciação Cristã, ou seja, os que são já batizados e crismados, valorizando primeiramente os casais cristãos;
4. âmbito do **“Testemunho da Caridade”** no qual a Igreja, por um lado, manifesta a sua maturidade de fé e a vivência do mandamento fundamental do amor; por outro lado, a Igreja abre caminhos para novos processos de “primeiro anúncio”.

| | PRIMEIRO ANÚNCIO | EVANGELIZAÇÃO Pré-catec. e catecúmenos | COMUNIDADE CRISTÃ: Batizados e Casados | TESTEMUNHO DA CARIDADE |
|-------------------|--|--|---|---|
| 2018 - 2019 | Tomar a iniciativa; procurar as brechas onde o Evangelho pode levar uma nova luz. | Descobrir os medos que aprisionam e oferecer a liberdade do Evangelho. | A resposta cristã aos desafios das culturas. Valorizar as experiências de cultura evangelizada. | Aproximar-se aos mais pobres e conhecer as ações de pastoral social que existem no terreno. |

| | | | | |
|----------------------------|--|---|--|---|
| <p>2019 - 2020</p> | <p>- Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias. - Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam.</p> | <p>Amadurecer e incentivar a participação, a pertença à comunidade.</p> | <p>Discípulos missionários. Formação de leigos.</p> | <p>Formação das comunidades sobre como implementar bem uma ação social (fazer) ... em vista da criação das Caritas paroquiais.</p> |
| <p>2020 - 2021</p> | <p>- Fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. - celebrar e festejar cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização.</p> | <p>Experimentar com os catecumenos ocasiões de serviço em todos os âmbitos da vida eclesial (... na organização das atividades comunitárias, na caridade, na catequese, na liturgia ...).</p> | <p>Testemunho da fraternidade Ministérios dos Leigos</p> | <p>Sensibilizar as comunidades para que possam sustentar e dar continuidade àquelas ações sociais (assumir). Constituição das Caritas Paroquiais.</p> |

Em cada âmbito sugerimos que os temas anuais deste Projeto Pastoral sejam desenvolvidos e conjugados com atenções específicas, apropriadas para cada âmbito.

NO ÂMBITO DO “PRIMEIRO ANÚNCIO”

É bom lembrar qual a característica principal do “primeiro anúncio” em relação à catequese. Muitas vezes, dizendo que vamos fazer catequese nas tabancas, podemos criar ambiguidade entre estes dois âmbitos. O primeiro anúncio vem antes da catequese, tem a sua própria metodologia e os seus próprios conteúdos; seu objetivo é criar curiosidade e desejo de conhecer Jesus Cristo e o evangelho. Não podemos confundir-lo com os primeiros passos da catequese.

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, seguindo a atitude do “Primeirar” é necessário viver um esforço maior de aproximação às realidades ainda não alcançadas pelo Evangelho, procurando, com coragem e ousadia, abrir espaços de encontro e de diálogo, livre de outros interesses e objetivos (é importante evitar, nos primeiros contactos, levar donativos: isso pode criar expectativas que desviam do nosso objetivo). Nesta aproximação será importante, principalmente nas tabancas, priorizar o diálogo com os adultos das comunidades locais e manter sempre uma atitude de respeito das mentalidades e das culturas das pessoas, com disponibilidade à escuta prolongada. Nesta escuta, que nos permite de conhecer e apreciar “sementes do verbo” já presentes naquela realidade, podemos procurar as brechas onde o Evangelho pode levar uma nova luz que liberta das tristezas e dos medos que aprisionam as pessoas¹.

No segundo ano pastoral, 2019-2020, priorizando as atitudes do “envolver-se” e “acompanhar”, com obras e gestos, a comunidade missionária **entra na vida diária** dos outros, encurta as distâncias,

¹ «Por isso é necessário esforçar-se por transmitir os valores que o Criador inscreveu nos corações dos africanos desde tempos imemoriais. Aqueles serviram de matriz para modelar sociedades que se desenvolvem segundo uma determinada harmonia, porque contêm em si mesmas modos tradicionais de regulação para uma pacífica convivência. Trata-se, pois, de valorizar estes elementos positivos, iluminando-os a partir de dentro (cf. Jo 8, 12), para que o cristão seja efectivamente atingido pela mensagem de Cristo e, deste modo, a luz de Deus possa brilhar aos olhos dos homens.» (AM 38)

e **acompanha** a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Neste envolvimento na vida das pessoas é importante ser “semeadores de esperança”, uma esperança que tem raízes profundas na nossa fé em Jesus Cristo, único Salvador.

No terceiro ano pastoral, 2020-2021, neste âmbito não podemos falar de maturidade de uma caminhada que está ainda nos primeiros passos! Mas, mesmo que o nosso trabalho de primeiro anúncio não tenha levado ainda a uma decisão de vida e a uma opção por Jesus Cristo, podemos valorizar os frutos do caminho feito, os sinais de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. Mesmo não podendo celebrar, neste âmbito, as conquistas de vinte anos de vida da nossa Diocese, podemos porém **celebrar e festejar cada pequena vitória**, cada passo em frente no caminho da evangelização.

NO ÂMBITO DA EVANGELIZAÇÃO

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, seguindo a atitude do “Aproximar-se” podemos abrir espaços para que os pré-catecúmenos e os catecúmenos possam manifestar as suas inseguranças, os seus medos que ainda os aprisionam, por causa das suas raízes culturais e religiosas. Expressar os próprios medos constitui já um primeiro passo para se libertar. Neste âmbito a comunidade evangelizadora deve saber oferecer os caminhos de liberdade do Evangelho.

No segundo ano pastoral, 2019-2020, priorizando as atitudes do “envolver-se” e “acompanhar” podemos dedicar particular atenção aos pré-catecúmenos e catecúmenos para que sejam incentivados a amadurecer a participação e a “pertença” à comunidade. Temos que ativar a criatividade para que os pré-catecúmenos e catecúmenos sejam progressivamente envolvidos na vida da comunidade através de diferentes etapas e graus de participação.

No terceiro ano pastoral, 2020-2021, podemos indicar aos pré-catecúmenos e catecúmenos o caminho da maturidade cristã que se realiza na atitude do serviço. Para tal fim, mesmo respeitando

a gradualidade e portanto sem entregar responsabilidades prematuras, podemos experimentar com eles ocasiões de serviço em todos os âmbitos da vida eclesial (... na organização das atividades comunitárias, principalmente na ocasião da festa da paróquia ou missão, na caridade, na catequese, na liturgia ...).

NO ÂMBITO DA COMUNIDADE CRISTÃ

Antes de tudo queremos lembrar que a comunidade cristã deve viver no máximo possível a comunhão entre todos os batizados, cultivando a “espiritualidade da comunhão”². O compromisso da fraternidade é sem dúvida prioritário: “Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35). Temos que ajudar as nossas comunidades a amadurecer e viver na fé, para poder ser elas mesmas evangelizadoras e protagonistas da missão e do anúncio, antes de tudo através do testemunho.

Não podemos porém esquecer que os batizados das nossas comunidades vivem nível diferentes de maturidade e de responsabilidade: temos muitos adolescentes e jovens recém-batizados, temos batizados adultos e, entre eles, casais e famílias cristãs. Neste âmbito, teremos portanto que ter atenções específicas e níveis diferentes de engajamento e responsabilidade. Principalmente os recém-batizados, adolescentes e jovens, que vivem em famílias não cristãs, precisarão do apóio da comunidade adulta para viver a fidelidade ao compromisso cristão diante dos desafios da cultura e da tradição que a família deles continua a propor.

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, colhendo neste âmbito o desafio da Inculturação, podemos envolver os batizados e os casais cristãos na reflexão e na busca de caminhos de valorização das culturas,

² «A Igreja, para chegar a uma verdadeira reconciliação e, através da reconciliação, praticar a espiritualidade de comunhão, precisa de testemunhas que estejam profundamente radicadas em Cristo e se alimentem da sua Palavra e dos Sacramentos.» (AM 34)

“assumindo” o que elas têm de positivo, reconhecendo o que precisa ser “purificado” pelo Evangelho e “valorizando” as experiências de cultura evangelizada que já existem na nossa Guiné Bissau.

No segundo ano pastoral, 2019-2020, priorizando a atitude do “acompanhar” podemos dedicar particular atenção à formação dos leigos para que reconheçam e valorizem mais a sua vocação de “discípulos-missionários”. Nas comunidades maiores, sejam formados “grupos de evangelizadores” que priorizem o estudo bíblico e a sua “encarnação” na realidade e cultura guineense. Estes grupos poderão dar uma contribuição forte principalmente no âmbito do primeiro anúncio, nas tabankas e nas cidades. Neste ano, é importante que cada batizado e casado experimente progressivamente algumas responsabilidades (mesmo que temporárias) nos diferentes âmbitos da vida eclesial (caridade, liturgia, primeiro anúncio, catequese, animação ...). Nestas experiências cada um terá a oportunidade de testar as próprias sensibilidades, capacidades e carismas.

No terceiro ano pastoral, 2020-2021, neste âmbito, podemos incentivar a maturidade de fé dos leigos que se manifesta no serviço assumido com continuidade e responsabilidade. *«Em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização»* (EG 120).

Antes de tudo é importante valorizar na comunidade o Ministério dos consagrados pelo sacramento do Matrimónio, para que sejam um sinal do amor e da fidelidade de Deus e contribuam ativamente na obra de evangelização, de caridade e de formação dos jovens. Importante também valorizar o Ministério do Primeiro Anúncio, que exige dons específicos de acolhimento, diálogo e capacidade de inculturação da mensagem do Evangelho. Neste âmbito do Primeiro Anúncio precisa também uma maior valorização do ministério do “fiador” no acompanhamento dos que se aproximam à fé.

A vida de cada comunidade saberá reconhecer e valorizar outros ministério, mais necessários na própria caminhada.

Uma forma de valorizar os leigos mais comprometidos na vida da comunidade e da Igreja é o reconhecimento dos Ministérios instituídos oficialmente pela mesma Igreja, preparados e assumidos com responsabilidade e fidelidade: o ministério do “leitor”, a serviço do primeiro anúncio e da evangelização, e o ministério do “acolito”, a serviço da Eucaristia e da caridade.

NO ÂMBITO DO TESTEMUNHO DA CARIDADE

«Hoje e sempre, “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!» (EG 48).

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, seguindo a atitude do “Aproximar-se”, as comunidades são convidadas a aproximar-se aos mais pobres e conhecer as ações de pastoral social que existem no território, como também as ações de solidariedade que não são da Igreja.

No segundo ano pastoral, 2019-2020, amadurecendo a atitude do “envolver-se” e “acompanhar”, será incentivada a formação das comunidades sobre como implementar uma boa ação social (fazer), construindo assim as bases para a estruturação das Caritas paroquiais.

No terceiro ano pastoral, 2020-2021, como sinal de maturidade no âmbito da caridade queremos sensibilizar as comunidades para que assumam e sustentem autonomamente, com continuidade, alguma ação social. O sinal maior da maturidade da comunidade será a ativação ou reabilitação das Caritas Paroquiais.

CONCLUSÃO

Este projeto pastoral para o triênio 2018-2021 tem o objetivo de ajudar a nossa Igreja diocesana a dar um passo pra frente no processo de evangelização, mas também de ajudar as nossas estruturas pastorais e as nossas comunidades a alcançar uma maior maturidade.

A nossa Diocese de Bafatá vai celebrar, em 2021, vinte anos de caminhada. Será para nós uma ocasião para celebrar e festejar o caminho feito nestes vinte anos e para agradecer a Deus pelos grandes dons que nos ofereceu e nos deu ocasião de experimentar. Mas queremos, também, que este significativo aniversário se torne estímulo para mostrar, com a nossa vivência, que a nossa Igreja diocesana está mais madura.

Este projeto pastoral, com a bênção de Deus, nos ajude a desenvolver maior maturidade e responsabilidade no compromisso da evangelização, no diálogo ecumênico e inter-religioso e no testemunho de fraternidade e caridade.

A IGREJA ANUNCIA O EVANGELHO COM ALEGRIA

IGREJA TA KONTA VANJELIU KU ALEGRIA

PROJETO PASTORAL 2018-2019

BO BIN, NO BAI



No contexto do Projeto Pastoral deste triênio: «A Igreja anuncia o Evangelho com alegria», vamos viver o primeiro ano pastoral, 2018-2019. Este ano pastoral terá como lema “Bo bin, no bai”, que é o convite a vivermos uma “Igreja em saída”.

Neste primeiro ano queremos priorizar e amadurecer a mesma atitude de Jesus que **se aproxima** aos “tristes” (cf. os dois discípulos de Emaús). É a atitude que Papa Francisco chama de “primeirar”, “tomar a iniciativa” (EG 24), ir ao encontro daqueles que não conhecem ainda Jesus Cristo com atitude de atenção, de disponibilidade, de solidariedade...

- O versículo-guia deste ano será Lc 24, 15: *“Jesus se aproximou e caminhava com eles”*.
- O lema será: **“BO BIN, NO BAI”**: é o convite a vivermos uma “Igreja em saída”.
- E os temas a serem trabalhados serão principalmente dois:
 - por um lado, ajudar a comunidade a ter a coragem de sair para a missão de anunciar o Evangelho, estudando métodos e estratégias para introduzir à fé;
 - por outro lado, encarar e aprofundar os desafios da inculturação da fé no contexto das culturas tradicionais.

ATUAÇÃO:

1. A Estrada:

Na atuação deste primeiro ano do Projeto Pastoral temos que levar em conta duas atenções importantes: por um lado é necessário um renovado compromisso de **ir ao encontro das pessoas que ainda não conhecem Jesus Cristo**; por outro lado, é importante que não sejam envolvidos só os padres, religiosas, missionários, mas também os cristãos leigos maduros da comunidade.

A atitude prioritária a ser amadurecida nestas saídas é aquela da escuta prolongada da vida, das preocupações, dos sofrimentos, das alegrias, das esperanças... «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.» (GS 1)

Para conseguir tornar sincera a nossa escuta, temos que crescer na nossa capacidade de apreciar e valorizar a cultura e a tradição das pessoas. As nossas comunidades cristãs podem dar uma contribuição importante na busca de aspectos da cultura que podem abrir os caminhos do diálogo intercultural e inter-religioso e nos facilitar na inculturação do evangelho.

2. A Palavra:

Para ajudar a comunidade cristã a amadurecer esta atitude de aproximação e de escuta, oferecemos algumas referências bíblicas: queremos seguir o exemplo de Jesus na sua aproximação e abertura com as pessoas, principalmente com os mais pobres.

- ***Jesus e os pecadores*** (Mt 9, 9-13): Jesus é livre de preconceitos e encontra todos, com a atitude de quem quer ajuda-los a ter uma vida melhor;
- ***Jesus e Jairo e a mulher com hemorragia*** (Mc 5, 21-43): Jesus mostra uma atenção especial para cada pessoa e doa a cada um nova esperança de vida;
- ***Jesus e as multidões famintas*** (Mc 6, 30-44): Jesus tem “compaixão” do povo e se mostra verdadeiro bom pastor;
- ***Jesus e o cego Bartimeu*** (Mc 10, 46-52): Jesus não exclui as pessoas e envolve a comunidade para convidá-las na caminhada;
- ***Jesus e a mulher cananéia*** (Mt 15, 21-28): no início Jesus imita a atitude discriminatória dos Fariseus para mostrar a sua iniquidade, mas depois mostra abertura e acolhimento sincero para com esta mulher estrangeira;

- ***Jesus e a samaritana*** (Jo 4, 1-42): Jesus se aproxima da mulher e, com toda a prudência e delicadeza, consegue conquistar a confiança dela;
- ***Jesus e o enfermo na piscina de Bezata*** (Jo 5, 1-18): Jesus conhece a necessidade e o desejo do enfermo e o antecipa em oferecer a sua solidariedade;
- ***Jesus e a viúva de Naim*** (Lc 7, 11-17): Jesus vê uma situação de grande sofrimento e toma a iniciativa de ajudar, sem que lhe seja pedido;
- ***Jesus e Zaqueu*** (Lc 19, 1-10): Jesus reconhece o desejo de Zaqueu e, com a sua atitude de acolhimento, transforma a vida dele;
- ***Jesus e a mulher pecadora*** (Lc 7, 36-50): Jesus acolhe um coração arrependido;
- ***Jesus e a mulher adúltera*** (Jo 8, 1-11): Jesus mostra compreensão e misericórdia e devolve a dignidade àquela mulher, para que possa ter uma vida nova.

Estes mesmos textos podem ser também aproveitados na atividade de primeiro anúncio: podem alimentar o desejo de conhecer Jesus e suscitar a vontade de segui-lo.

3. A Celebração:

Neste ano é importante valorizar e “celebrar” ou “festejar” as conquistas no caminho do diálogo e da inculturação. Podemos valorizar encontros inter-culturais e inter-religiosos sobre valores que temos em comum com as pessoas que conhecemos e encontramos nas nossas “saídas”. Podemos valorizar, por exemplo, o “dia de oração pela paz”, que a Igreja celebra no dia 1 de janeiro; o “dia dos pobres”, celebrado no domingo que antecede a festa de Cristo Rei (neste ano será no dia 18 de novembro); o “dia internacional dos direitos humanos” celebrado no dia 10 de dezembro; o “dia internacional da mulher”, no dia 8 de março; e outros ...

4. As Novas Relações:

O trabalho pastoral deste ano terá como fruto uma nova capacidade da comunidade cristã de se abrir, de encontrar, de dialogar e de apreciar e valorizar tudo o que tem de bom nas pessoas e nas culturas, criando novos caminhos para o trabalho de evangelização e inculturação do Evangelho.



NO ÂMBITO DO “PRIMEIRO ANÚNCIO”

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, seguindo a atitude do “Primeirar” é necessário viver um esforço maior de aproximação às realidades ainda não alcançadas pelo Evangelho, procurando, com coragem e ousadia, abrir espaços de encontro e de diálogo, livre de outros interesses e objetivos (é importante evitar, nos primeiros contactos, levar donativos: isso pode criar expectativas que desviam do nosso objetivo). Nesta aproximação será importante, principalmente nas tabancas, priorizar o diálogo com os adultos das comunidades locais e manter sempre uma atitude de respeito das mentalidades e das culturas das pessoas, com disponibilidade à escuta prolongada. Nesta escuta, que nos permite de conhecer e apreciar “sementes do verbo” já presentes naquela realidade, podemos procurar as brechas onde o Evangelho pode levar uma nova luz que liberta das tristezas e dos medos que aprisionam as pessoas³.

³ «Por isso é necessário esforçar-se por transmitir os valores que o Criador inscreveu nos corações dos africanos desde tempos imemoriais. Aqueles serviram de matriz para modelar sociedades que se desenvolvem segundo uma determinada harmonia, porque contêm em si mesmas modos tradicionais de regulação para uma pacífica convivência. Trata-se, pois, de valorizar estes elementos positivos, iluminando-os a partir de dentro (cf. *Jó* 8, 12), para que o cristão seja efectivamente atingido pela mensagem de Cristo e, deste modo, a luz de Deus possa brilhar aos olhos dos homens.» (AM 38)

NO ÂMBITO DA “EVANGELIZAÇÃO”

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, seguindo a atitude do “Aproximar-se” podemos abrir espaços para que os pré-catecúmenos e os catecúmenos possam manifestar as suas inseguranças, os seus medos que ainda os aprisionam, por causa das suas raízes culturais e religiosas. Expressar os próprios medos constitui já um primeiro passo para se libertar. Neste âmbito a comunidade evangelizadora deve saber oferecer os caminhos de liberdade do Evangelho.

NO ÂMBITO DA COMUNIDADE CRISTÃ

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, colhendo neste âmbito o desafio da Inculturação, podemos envolver os batizados e os casais cristãos na reflexão e na busca de caminhos de valorização das culturas, “assumindo” o que elas têm de positivo, reconhecendo o que precisa ser “purificado” pelo Evangelho e “valorizando” as experiências de cultura evangelizada que já existem na nossa Guiné Bissau.

NO ÂMBITO DO TESTEMUNHO DA CARIDADE

No primeiro ano pastoral, 2018-2019, seguindo a atitude do “Aproximar-se”, as comunidades são convidadas a aproximar-se aos mais pobres e conhecer as ações de pastoral social que existem no território, como também as ações de solidariedade que não são da Igreja.

O PRIMEIRO ANÚNCIO OU KERIGMA

Texto de Padre Paulo De Pina Araújo

Na Guiné-Bissau, ainda há pessoas que, quando se fala do Primeiro Anúncio, pensam logo nos primeiros momentos da evangelização do país, mais ou menos a partir do séc. XVI até um pouco antes da criação da diocese de Bissau 1977. Para os mais esclarecidos o primeiro anúncio seria a primeira aproximação da palavra de Deus às pessoas, sobretudo nas aldeias, é o que na verdade, a nossa Igreja na Guiné está a viver. Quer dizer, apesar de o processo da evangelização ter começado bem antes, ainda existem muitas localidades onde a palavra de Deus não chegou.

O grande problema dos missionários hoje é, como fazer esta primeira abordagem, para que a mensagem cristã possa penetrar na vida das pessoas.

Nesta pequena reflexão vamos falar do conceito e conteúdo do Primeiro Anúncio ou Kerigma segundo o pensamento da Igreja, como foi vivido pelos apóstolos nos primeiros momentos da vida da Igreja; as dificuldades para a sua realização no nosso país e no fim vamos dar algumas propostas para a sua melhor realização neste ano pastoral 2018-2019, segundo o nosso projecto pastoral.

Conceito e Conteúdo do Primeiro Anúncio ou Kerigma.

O Primeiro Anúncio do Evangelho é conhecido tradicionalmente pela Igreja como kerigma, que é uma palavra que veio do grego, do verbo “KERYSSO,” que por sua vez significa **proclamar por um mensageiro** (kéryx) um decreto autorizado pelo soberano. Assim a palavra “KÉRYX” significa justamente pregador, mensageiro. Na antiguidade grega, o “kéryx” era aquela pessoa que o soberano enviava para proclamar, anunciar a sua mensagem (KERYGMA). O mensageiro jamais se atrevia a mudar a mensagem, porque ela não era sua. Ele era apenas o portador, e seu dever era transmiti-

-la integralmente, para que ela fosse ouvida e acolhida por todos naquela região.

Essa ideia foi assumida pela igreja no anúncio da “Boa-Nova de Cristo”, o Kerigma. Assim o conceito de kerigma (mensagem, em grego) no horizonte do cristianismo se identifica com o de Evangelho, Boa Notícia, anúncio, mensagem de salvação. O kerigma tornou-se também o fim essencial da missão evangelizadora confiada por Jesus a seus discípulos, quando lhes disse: “Ide e proclamai a Boa-Nova a toda criatura” [] E eles saíram a pregar por toda a parte, agindo com eles, o Senhor estava, e confirmando a Palavra por meio dos sinais que a acompanhavam” (Mc 16,15).

Além de ser um ato de comunicação, o kerigma oferece um conteúdo que é proclamado: Cristo crucificado e ressuscitado, força e sabedoria de Deus (1Cor 1,23-24), que transforma e salva a vida. Pedro, nos Atos dos Apóstolos, é o primeiro que, por ocasião da festa judaica de Pentecostes (cf. At 2,14-41), proclama a Boa Nova, quando anuncia aos judeus e a todos os habitantes de Jerusalém que Jesus é o Senhor e Cristo. O kerigma tem um carácter imperioso e expansivo que não é possível sem uma profunda e contagiante experiência de Deus. As aparições do Senhor Ressuscitado, documentadas por uma antiquíssima tradição (1Cor 15,3-7), produziram um impacto irrefreável devido à experiência do encontro com o Mestre, que volta gloriosamente à vida depois de ter sido crucificado e morto. O kerigma é inseparável desta experiência de vida, pois anuncia Cristo presente que nos faz participar de sua vitória sobre a morte. Aos Doze, Jesus confia o mandato: ide e anunciai (cf. Mc 16,15) e, por meio deles, a todos os demais seguidores, de modo que essa mensagem chegue a todos, em todos os tempos.

A igreja sempre ensinou que o primeiro anúncio ou kerigma não é catequese, assim podemos ver na exortação Apostólica *Catechesse Tradendae* no seu nº 19: “A especificidade da catequese, distinta do primeiro anúncio do Evangelho que suscita conversão, visa o duplo objectivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais

aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na prática, porém, a catequese, mantendo embora esta ordem normal, deve ter em conta que muitas vezes não se verificou a primeira evangelização. Certo número de crianças baptizadas na primeira infância chegam à catequese paroquial sem terem recebido qualquer outra iniciação na fé, e sem terem ainda uma adesão explícita e pessoal a Jesus Cristo” (C.T nº 19).

Na nossa igreja da Guiné é bem notável esta realidade, não só nas crianças assim como nos jovens e adultos, muitos receberam a catequese mas não se aderiram a Jesus na verdade, porque não foram bem iniciados à fé através de um encontro pessoal com Cristo na primeira evangelização.

As dificuldades que se notam na realização do Primeiro Anúncio

Uma das maiores dificuldades que os missionários encontram no processo do Primeiro Anúncio tem a ver com a Religião Tradicional, sobre tudo nas aldeias mono-étnicas. A Religião Tradicional é uma religião. O autor Marcel de Lima Santos disse, para os povos nativos que praticam estas religiões, a «cultura e religião são uma coisa só, onde a crença no sagrado e a prática de cerimónias rituais pretende representar o mundo espiritual como uma substância básica que, de uma certa maneira, permeia e controla todas as outras chamadas manifestações culturais»⁴.

A Religião Tradicional Africana possui o próprio **culto**, “culto dos antepassados e culto dos espíritos (divindades) os quais são consideravelmente diferentes⁵. A razão destes dois cultos, «é a consequência da transcendência do Deus Supremo e o facto

⁴ Cf. Marcel de Lima Santos, *XAMANISMO, a palavra que cura*, Paulinas, S. Paulo, 2007, p. 139.

⁵ Cf. Lázaro Messias, *Para uma Teologia Africana, Missionação e Inculturação na África Lusófona*, Tipografia Lousanense, Lda., Lisboa, 2008, p. 122.

Dele delegar com muita frequência o seu poder numa “divindade” como intermediária»⁶. «Este culto toma a forma de oração, especialmente dentro da família, celebrações em templos e sacrifícios colectivos. O medo de espíritos malignos ou antepassados são a fonte de muitos actos de adoração»⁷.

As pessoas que vivem no contexto tradicional já têm uma religião e suas práticas que estão bem enraizadas neles, usando a expressão de São João Paulo II, são como uma segunda natureza neles. Nós, quando chegamos para anunciar a palavra de Deus, segundo a nossa fé e a nossa religião, implícita ou explicitamente, dizemos a eles que queremos que deixem a sua religião, ou pelo menos algumas coisas que achamos que são incompatíveis com a nossa fé para poderem seguir a nova religião. Daí nascem problemas e dificuldades. Muitos, sobretudo os anciãos, não aceitam, por isso vemos mais crianças nas nossas catequeses, principalmente nas aldeias. Muitos anciãos quando vão para a catequese, às vezes, é porque querem algum benefício material. Outros vão com a mentalidade de que a igreja Católica não proíbe ser cristão e voltar às práticas tradicionais. Outro grande problema que a religião tradicional coloca, que dificulta a adesão séria e assumida de muitos à fé cristã, até nas cidades, é o problema do medo, que está bem presente nesta religião, como já vimos antes, isso dificulta a nossa aproximação e obtenção de resultados da conversão que desejamos. Ainda no contexto tradicional, a cultura e a religião estão bem ligados, daí que às vezes é difícil saber o que é realmente cultural e o que é realmente religioso ou cultural.

A essas dificuldades se adicionam também as nossas. Muitas paróquias e Missões não têm meios adequados, tanto financeiros, assim como de transporte para terem uma presença mais constante nestes lugares do Primeiro Anúncio. Além de mais, tem o problema da língua, que infelizmente, hoje, tanto nós da terra,

⁶ Cf. Idem.

⁷ A P R T n. 3.

assim como os missionários estrangeiros, não temos como preocupação central, outros nem sabem falar bem o crioulo. Ainda tem o problema da falta de pessoal, os catequistas locais ficam mais nas cidades, poucos vão com os missionários para as tabancas, os poucos que vão não têm uma formação cristã sólida para uma evangelização mais efectiva capaz de converter as pessoas. Para alguns missionários, muitas das vezes quando chega o dia sábado ou domingo, que na maioria das paróquias e missões são dias de ir às tabancas, ficam quase mortos de tanto cansaço de trabalhos nas escola ou nos hospitais, assim, às vezes, falta muita dinâmica nas catequeses. Um outro problema é que, tanto nós, missionários, assim como os cristãos leigos, estamos confusos, não há uma linguagem única sobre certas questões, não há consenso, se devemos dizer isso ou aquilo, sobretudo se se tratam de questões vitais da Religião Tradicional. Com esta incerteza, colocamos todas as pessoas que nos escutam na incerteza, e como há o problema do medo, as pessoas optam por aceitar as propostas da Religião Tradicional, de modo que o cristianismo católico tem alguma dificuldade para promover uma conversão verdadeira nas pessoas aqui no nosso país e na nossa diocese. A verdade é que ficamos surpreendidos quando vemos cristãos que achamos sérios a fazerem cerimónias, a ter “casa-dus”, a ter irã na casa, a convocar lavagens, ter amuletos no corpo etc. Os que muitas das vezes levam a sua fé a sério encontram muitas dificuldades na própria comunidade cristã, que em vez de ajudar o membro a continuar a assumir a sua fé com mais firmeza, desencorajam-no com palavras ou com atitudes de infidelidade.

Nas cidades, além do problema da Religião Tradicional, tem também os problemas modernos que por causa da globalização e da mundialização as pessoas têm, de modo que o comportamento de muitos cristãos tem como base as influências da modernidade, as ideologias da sociedade, em vez da Palavra de Deus. Isso nota-se não só nos jovens, mas também nos adultos. Exemplo de algumas práticas: engravidar menina antes de casamento para saber se vai poder ter filhos ou não, tipos de vestuários que são usados mesmo na igreja, uso de métodos anticonceptivos, aborto e outros problemas.

Propostas para melhorar o Primeiro Anúncio com base no nosso projecto Pastoral

Na verdade estes problemas não são novos, e ainda persistem. O que devemos fazer como igreja? Vamos desistir? Não. Como não vamos desistir, a nossa diocese de Bafatá, no seu Projecto Pastoral (2018-2021) tem em conta estes problemas, por isso para este ano pastoral 2018-2019 vamos reflectir no seguinte:

“Seguindo a atitude do ‘Primeirar’ é necessário viver um esforço maior de aproximação às realidades ainda não alcançadas pelo Evangelho, procurando com coragem e ousadia, abrir espaços de encontro e de diálogo, livre de outros interesses e objectivos. Nesta aproximação será importante manter uma atitude de respeito das mentalidades e das culturas das pessoas, com disponibilidade à escuta prolongada. Nesta escuta, que nos permite de conhecer e apreciar ‘sementes do verbo’ já presentes naquela realidade, podemos procurar as brechas onde o Evangelho pode levar uma nova luz que liberta das tristezas e dos medos que aprisionam as pessoas” (cf. Projecto Pastoral, 2018-2019).

A essa ideia do projecto podemos reforçar os seguintes pontos:

1. Manter uma presença mais efectiva e constante nas tabancas (as frequentes ausências criam desânimo);
2. Controlar os catequistas nos centros urbanos (muitos faltam a catequese várias vezes no mês, além da falta de formação).
3. Antes de começar o pré-catecumenato é bom começar com um período do Primeiro Anúncio segundo as propostas para a revisão do directório Catequético dos adultos.
4. Incentivar os catequistas a irem às tabancas, principalmente aqueles que conhecem as línguas locais.
5. Dar formações periódicas aos catequistas sobre a Palavra de Deus, a doutrina da Igreja e sobre as nossas culturas.
6. Os catequistas de Adultos a partir dos 30 anos que sejam pessoas adultas.

Pensamos que com estas propostas e orientações poderemos melhorar o nosso primeiro Anúncio.

A CATEQUESE NO PROCESSO DA EVANGELIZAÇÃO

Textos selecionados do “Diretório Geral para a Catequese”

Primeiro anúncio e catequese

61. O primeiro anúncio se dirige aos não crentes e àqueles que, de fato, vivem na indiferença religiosa. Ele tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão. A catequese, «distinta do primeiro anúncio do Evangelho» promove e faz amadurecer esta conversão inicial, educando à fé o convertido e incorporando-o na comunidade cristã. A relação entre estas duas formas do ministério da Palavra é, portanto, uma relação de distinção na complementariedade.

62. Na prática pastoral, todavia, as fronteiras entre as duas ações não são facilmente delimitáveis. Frequentemente, as pessoas que acedem à catequese, necessitam, de fato, de uma verdadeira conversão. Por isso, a Igreja deseja que, ordinariamente, uma primeira etapa do processo catequético seja dedicada a assegurar a conversão. Na «missão ad gentes», esta tarefa se realiza no «pré-catecumenato». Na situação requerida pela «nova evangelização» esta tarefa se realiza por meio da «catequese kerigmática», que alguns chamam de «pré-catequese», porque, inspirada no pré-catecumenato, é uma proposta da Boa Nova em ordem a uma sólida opção de fé. Somente a partir da conversão, isto é, apostando na atitude interior «daquele que crer», a catequese propriamente dita poderá desenvolver a sua tarefa específica de educação da fé.

A catequese, «momento» essencial do processo de evangelização

64. Ao realizar, de diferentes formas, esta função de iniciação do ministério da Palavra, a catequese lança os fundamentos do edifício da fé. Outras funções deste ministério construirão depois os diferentes andares desse mesmo edifício.

A catequese de iniciação é, assim, o elo necessário entre a ação missionária, que chama à fé, e a ação pastoral, que alimenta continuamente a comunidade cristã. Não é, portanto, uma ação facultativa, mas sim uma ação basilar e fundamental para a construção, tanto da personalidade do discípulo, quanto da comunidade. Sem ela, a ação missionária não teria continuidade e seria estéril. Sem ela, a ação pastoral não teria raízes e seria superficial e confusa: qualquer tempestade faria desmoronar todo o edifício.

Na verdade, «o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência aos desígnios de Deus, dependem essencialmente da catequese». Neste sentido, a catequese deve ser considerada como momento prioritário na evangelização.

66. A catequese é, assim, elemento fundamental da iniciação cristã e é estreitamente ligada com os sacramentos de iniciação, de modo particular com o Batismo, «sacramento da fé». O elo que une a catequese com o Batismo é a profissão de fé que é, ao mesmo tempo, o elemento interior a este sacramento e a meta da catequese. A finalidade da ação catequética consiste precisamente nisso: em favorecer uma viva, explícita e operosa profissão de fé. A Igreja, para alcançar esta finalidade, transmite aos catecúmenos e aos catequizandos, a viva experiência que ela tem do Evangelho, e a sua fé, a fim de que estes a façam própria, ao professá-la. Por isso, «a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo ao homem, em Jesus Cristo; revelação esta conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada, por uma «tradição» (tradição) viva e ativa, de uma geração para a outra».

Características fundamentais da catequese de iniciação

67. O fato de ser «momento essencial» do processo evangelizador, a serviço da iniciação cristã, confere à catequese algumas características. Ela é:

– uma formação orgânica e sistemática da fé. O Sínodo de 1977 sublinhou a necessidade de uma catequese «orgânica e bem orde-

nada», uma vez que o aprofundamento vital e orgânico do mistério de Cristo é aquilo que principalmente distingue a catequese de todas as demais formas de apresentação da Palavra de Deus.

– Esta formação orgânica é mais do que um ensino: é um aprendizado de toda a vida cristã, «uma iniciação cristã integral», que favorece uma autêntica seqüela de Cristo, centrada na Sua Pessoa. Trata-se, de fato, de educar ao conhecimento e à vida de fé, de tal maneira que o homem no seu todo, nas suas experiências mais profundas, se sinta fecundado pela Palavra de Deus. Ajudar-se-á, assim, o discípulo de Cristo, a transformar o homem velho, a assumir os seus compromissos batismais e a professar a fé a partir do «coração».

– É uma formação de base, essencial, centrada naquilo que constitui o núcleo da experiência cristã, nas certezas mais fundamentais da fé e nos mais basilares valores evangélicos. A catequese lança os fundamentos do edifício espiritual do cristão, alimenta as raízes da sua vida de fé, habilitando-o a receber o sucessivo alimento sólido, na vida ordinária da comunidade cristã.

68. [...] Enfim, sendo iniciação, incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé. Realiza, portanto, ao mesmo tempo, tarefas de iniciação, de educação e de instrução. Esta riqueza, inerente ao Catecumenato dos adultos não batizados, deve inspirar as demais formas de catequese.

Finalidade da catequese: a comunhão com Jesus Cristo

80. «A finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo».

Toda a ação evangelizadora tem o objetivo de favorecer a comunhão com Jesus Cristo. A partir da conversão «inicial» de uma pessoa ao Senhor, suscitada pelo Espírito Santo, mediante o primeiro anúncio, a catequese se propõe dar um fundamento e fazer

amadurecer esta primeira adesão. Trata-se, então, de ajudar aquele que acaba de ser converter a «...melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo ao qual se entregou: conhecer o seu «mistério», o Reino de Deus que Ele anunciou, as exigências e as promessas contidas na Sua mensagem evangélica e os caminhos que Ele traçou para todos aqueles que O querem seguir». O Batismo, sacramento mediante o qual «configuramo-nos com Cristo», sustenta, com a sua graça, esta obra da catequese.

81. A comunhão com Jesus Cristo, por sua própria dinâmica, impulsiona o discípulo a se unir com tudo aquilo com que o próprio Jesus Cristo sentiu-se profundamente unido: com Deus, seu Pai, que o enviara ao mundo, e com o Espírito Santo, que lhe dava impulso para a missão; com a Igreja, seu corpo, pela qual se doou, e com os homens, seus irmãos, cuja sorte quis compartilhar.

A finalidade da catequese se exprime na profissão de fé no único Deus: Pai, Filho e Espírito Santo

82. A catequese é aquela forma particular do ministério da Palavra, que faz amadurecer a conversão inicial, até fazer dela uma viva, explícita e operativa confissão de fé: «A catequese tem a sua origem na confissão de fé e leva à confissão de fé».

A profissão de fé, intrínseca ao Batismo, é eminentemente trinitária. A Igreja batiza «em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28,19), Deus uno e trino, ao qual o cristão confia a sua vida. A catequese de iniciação prepara – antes ou após o recebimento do Batismo – para este decisivo empenho. A catequese permanente ajudará a amadurecer continuamente esta profissão de fé, a proclamá-la na Eucaristia e a renovar os compromissos que ela implica. É importante que a catequese saiba unir bem a confissão de fé cristológica, «Jesus é o Senhor», com a confissão trinitária, «Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo», uma vez que são tão somente duas modalidades para se exprimir a mesma fé cristã. Aquele que, pelo primeiro anúncio, se converte a Jesus

Cristo e O reconhece como Senhor, inicia um processo, ajudado pela catequese, que desemboca necessariamente na confissão explícita da Trindade.

Com a confissão de fé no único Deus, o cristão renuncia a servir qualquer absoluto humano: poder, prazer, raça, antepassados, Estado, dinheiro..., libertando-se de qualquer ídolo que o escravize. É a proclamação da sua vontade de servir a Deus e aos homens, sem nenhum laço. Proclamando a fé na Trindade, comunhão de pessoas, o discípulo de Jesus Cristo manifesta contemporaneamente que o amor a Deus e ao próximo é o princípio que informa o seu ser e o seu agir.

83. A confissão de fé é completa somente se é em referência à Igreja. Cada batizado proclama individualmente o Credo, uma vez que não há ação mais pessoal do que esta. Mas o recita na Igreja e através dela, já que o faz como seu membro. O «creio» e o «cremos» se implicam mutuamente. Ao fundir a sua confissão com a confissão da Igreja, o cristão é incorporado à sua missão: ser «sacramento de salvação» para a vida do mundo. Quem proclama a profissão de fé, assume compromissos que, não poucas vezes, atrairão a perseguição. Na história cristã, os mártires são os anunciadores e as testemunhas por excelência.

A INCULTURAÇÃO DA MENSAGEM CRISTÃ

Textos selecionados da Exortação Apostólica “Ecclesia in Africa”

Urgência e necessidade da inculturação

59. Os Padres Sinodais sublinharam, mais de uma vez, a importância particular que reveste para a evangelização a inculturação, ou seja, aquele processo pelo qual «o ensinamento catequético “se encarna” nas diferentes culturas». A inculturação compreende uma dupla dimensão: por um lado, «a íntima transformação dos valores culturais autênticos pela sua integração no cristianismo» e, por outro, «o enraizamento do cristianismo nas várias culturas». O Sínodo considera a inculturação uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho em África, «uma exigência da evangelização», «uma caminhada rumo a uma plena evangelização», um dos maiores desafios para a Igreja no Continente ao avizinhar-se do terceiro milénio.

Fundamentos teológicos

60. «Ao chegar a plenitude dos tempos» (Gal 4,4), o Verbo, segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Filho unigénito de Deus, «encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e Se fez homem». É o sublime mistério da Encarnação do Verbo, um mistério que teve lugar na história: em circunstâncias de tempo e lugar bem definidas, no seio de um povo com a sua própria cultura, que Deus tinha escolhido e acompanhado ao longo da história da salvação com o fim de mostrar naquilo que por ele realizava, quanto pretendia fazer por todo o género humano.

Prova evidente do amor de Deus pelos homens (cf. Rm 5,8), Jesus Cristo, com a sua vida, com a Boa Nova anunciada aos pobres, com a paixão, morte e gloriosa ressurreição, realizou a remissão

dos nossos pecados e a nossa reconciliação com Deus, seu Pai e, graças a Ele, nosso Pai. A Palavra que a Igreja anuncia, é precisamente o Verbo de Deus feito homem, Ele mesmo sujeito e objecto dessa Palavra. A Boa Nova é Jesus Cristo.

Tal como «o Verbo Se fez carne e veio habitar entre nós» (Jo 1,14), assim também a Boa Nova, a palavra de Jesus Cristo anunciada às nações, deve *entranhar-se no ambiente de vida dos seus ouvintes*. A inculturação é precisamente esta inserção da mensagem evangélica nas culturas. Com efeito, a encarnação do Filho de Deus, exactamente porque integral e concreta, foi também encarnação numa cultura específica.

61. Dada a estreita e orgânica relação que existe entre Jesus Cristo e a palavra que a Igreja anuncia, a inculturação da mensagem revelada não poderá deixar de seguir a «lógica» própria do mistério da Redenção. Com efeito, a Encarnação do Verbo não constitui um momento isolado, mas tende para «a Hora» de Jesus e o mistério pascal: «Se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12,24). «Eu – disse Jesus – quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim» (Jo 12,32). Este auto-despojamento, esta kenosi que é necessária para a exaltação – itinerário de Jesus e de cada um dos seus discípulos (cf. Flp 2,6-9) – é esclarecedora para o encontro das culturas com Cristo e o seu Evangelho. «Cada cultura tem necessidade de ser transfigurada pelos valores do Evangelho à luz do mistério da Páscoa».

À luz do mistério da Encarnação e da Redenção é que se deve realizar o discernimento dos valores e contra-valores das culturas. Tal como o Verbo de Deus Se tornou semelhante a nós em tudo, excepto no pecado, assim a inculturação da Boa Nova assume todos os valores humanos autênticos, purificando-os do pecado e restituindo-os ao seu significado pleno.

A inculturação mantém ainda laços profundos com o mistério do Pentecostes. Graças à efusão e à acção do Espírito que unifica dons e talentos, todos os povos da terra, ao entrarem na Igreja, vivem um novo Pentecostes, professam em sua língua a única fé

em Jesus Cristo e proclamam as maravilhas que o Senhor neles operou. O Espírito, que já no plano natural é fonte originária da sabedoria dos povos, guia com uma iluminação sobrenatural a Igreja para o conhecimento da Verdade total. Por sua vez, a Igreja, assumindo os valores das diversas culturas, torna-se sponsa ornata monilibus suis, a noiva que se adorna com suas jóias (cf. Is 61,10).

Critérios e âmbitos da inculturação

62. Trata-se de uma tarefa difícil e delicada, porque está em causa a fidelidade da Igreja ao Evangelho e à Tradição Apostólica, na evolução constante das culturas. Por isso, justamente observaram os Padres Sinodais: «Perante as rápidas transformações culturais, sociais, económicas e políticas, as nossas Igrejas locais deverão trabalhar num processo de inculturação sempre renovado, respeitando os dois critérios seguintes: a compatibilidade com a mensagem cristã e a comunhão com a Igreja Universal. (...) Em todo o caso, ter-se-á o cuidado de evitar qualquer sincretismo».

«Enquanto caminhada rumo a uma plena evangelização, a inculturação quer colocar o homem em condições de acolher Jesus Cristo na integridade do próprio ser pessoal, cultural, económico e político, de maneira que ele possa viver uma vida santa, em total união com Deus Pai, sob a acção do Espírito Santo».

Igreja como Família de Deus

63. O Sínodo não se limitou a falar da inculturação, mas aplicou-a concretamente também, assumindo como ideia-chave para a evangelização da África, a noção de Igreja como Família de Deus. Nela reconheceram os Padres Sinodais uma expressão da natureza da Igreja, particularmente apropriada para a África. Com efeito, a imagem acentua a atenção pelo outro, a solidariedade, as calorosas relações de acolhimento, de diálogo e de mútua confiança. A nova evangelização tenderá, portanto, a edificar a Igreja como família, excluindo todo o etnocentrismo e excessivo particularis-

mo, procurando, pelo contrário, promover a reconciliação e uma verdadeira comunhão entre as diversas etnias, favorecendo a solidariedade e a partilha de recursos e pessoas entre as Igrejas particulares, sem indevidas considerações de ordem étnica. «Deseja-se vivamente que os teólogos elaborem a teologia da Igreja-Família com toda a riqueza que nesse conceito se encerra, mostrando a sua complementaridade com outras imagens da Igreja».

Isto supõe uma reflexão profunda sobre o património bíblico e tradicional que o Concílio Vaticano II recolheu na Constituição dogmática *Lumen gentium*. Este admirável documento expõe a doutrina sobre a Igreja, recorrendo a imagens extraídas da Sagrada Escritura, tais como Corpo Místico, povo de Deus, templo do Espírito, rebanho e redil, casa onde Deus habita com os homens. Segundo o Concílio, a Igreja é esposa de Cristo e mãe nossa, cidade santa e primícia do Reino futuro. É necessário ter em conta estas sugestivas imagens ao desenvolver, por proposta do Sínodo, uma eclesiologia centrada no conceito de Igreja-Família de Deus. Poder-se-á então apreciar, em toda a sua riqueza e densidade, a afirmação que serve de ponto de partida à Constituição conciliar: «A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano».

A VIDA DA COMUNIDADE CRISTÃ

Texto selecionado do “Diretório Geral para a Catequese”

70. Na comunidade cristã, os discípulos de Jesus Cristo se alimentam em uma dúplice mesa: «da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo». O Evangelho e a Eucaristia são alimento constante na peregrinação rumo à casa do Pai. A ação do Espírito Santo faz com que o dom da «comunhão» e o empenho da «missão» sejam aprofundados e vividos de maneira sempre mais intensa.

A educação permanente da fé se dirige não apenas a cada cristão, para acompanhá-lo no seu caminho rumo à santidade, mas também à comunidade cristã enquanto tal, para que amadureça tanto na sua vida interior de amor a Deus e aos irmãos, quanto na sua abertura ao mundo como comunidade missionária. O desejo e a oração de Jesus ao Pai são um incessante apelo: «a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste». Aproximar-se, pouco a pouco, desse ideal, exige, na comunidade, uma grande fidelidade à ação do Espírito Santo, um constante alimentar-se do Corpo e Sangue do Senhor e uma permanente educação na fé, na escuta da Palavra.

A COMUNIDADE CRISTÃ ENRIQUECIDA PELA VOCAÇÃO E MISSÃO DOS CASAIS CRISTÃOS

O Catecismo da Igreja Católica nos orienta: “A íntima comunhão de vida e de amor conjugal que o criador fundou e dotou com suas leis o próprio Deus é o autor do matrimônio”. A vocação para o matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram da mão do criador. O casamento não é uma instituição simplesmente humana, apesar das inúmeras variações que sofreu no curso dos séculos, nas diferentes culturas,

estruturas sociais e atitudes espirituais. Essas diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. Ainda que a dignidade desta instituição não transpareça em toda parte com a mesma clareza, existe, contudo, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial. “A salvação da pessoa e da sociedade humana está estreitamente ligada ao bem-estar da comunidade conjugal e familiar”.

Deus, que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo ser humano. Pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, que é amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mútuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo homem. Esse amor é bom, muito bom, aos olhos do criador, que “é amor” (1Jo 4,8.16). E esse amor abençoado por Deus é destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum de perseverança da criação: “Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1,28).

Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, a sagrada escritura o afirma: “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2, 18). A mulher, “carne de sua carne”, isto é, igual a ele, bem próxima dele, lhe foi dada por Deus como um “auxílio”, representando, assim, “Deus, em quem está o nosso socorro”. “Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une a sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2, 24). Que isto significa uma unidade indefectível de suas duas vidas, o próprio Senhor no-lo mostra lembrando qual foi, “na origem”, o desígnio do criador: “de modo que já não são dois mas uma só carne” (Mt 19, 6).

O Papa Francisco também nos lembra: “A família está no centro do projeto de Deus seguindo a história da salvação; por um misterioso desígnio divino a complementariedade e o amor entre o homem e a mulher os torna cooperadores do criador que lhes confia a tarefa de gerar novas criaturas dando-lhes assistência no crescimento e na educação. A família é sagrada e indissolúvel, é berço da vida, primeiro lugar da acolhida e do amor, ela tem um papel essencial na vocação do homem, é uma janela que se abre para o mistério do amor na unidade e trindade de Deus”.

O TESTEMUNHO DA CARIDADE

Texto de Padre Lucio Brentegani

APROXIMAR-SE:

O que é isso? Para aproximar-se ao outro é necessário colocar em segundo lugar a si mesmo. Temos no Evangelho vários exemplos de aproximação: Jesus com os discípulos de Emaús, o bom samaritano e outros.

Jesus se aproxima aos discípulos, caminha com eles e antes de começar a falar escuta. Deixa Cléofa e o outro falar, expressar tudo o que está passando com eles, deixa que os discípulos expressem os seus sentimentos de dificuldade e de sofrimento. Caminha com eles e escuta a falta de fé e de esperança para o futuro, até chegar ao ponto de explicar, falar, anunciar e compartilhar mais uma vez o anúncio do Reino de Deus. A vida dos dois discípulos muda depois que Jesus se aproximou a eles. Depois do encontro com Jesus os discípulos já não têm medo, já estão com uma fé bem forte tanto que regressam a Jerusalem de onde tinham saído por causa do medo. Quando os discípulos, como nós, conseguem reconhecer Jesus que se aproximou à vida deles, a vida muda.

Assim também no Evangelho do Bom Samaritano podemos dizer que é este encontro que faz nova a vida: para os dois, o quase morto e o samaritano. Tudo isso aconteceu num momento não programado, durante uma viagem, durante a vida normal daquele homem, no momento em que ele tinha o seu plano, os seus afazeres, estava, como nós todos, com falta de tempo. Mas, diferentemente dos outros dois (do sacerdote e do levita) decidiu de “perder tempo”, de mudar o plano, decidiu de deixar a estrada que estava andando para se aproximar ao pobre. Para o pobre, quase morto, o encontro com o bom Samaritano foi a possibilidade de

re-nascer depois de uma situação crítica de violência, de furto, de pobreza não somente econômica mas também física e moral. E para o Samaritano a vida mudou porque já não faz conta com ele sozinho, mas assumiu o compromisso de “tomar conta” do pobre: aproximou-se, teve misericórdia, carregou o quase morto no seu jumento, levou-o para o hospital, pagou as despesas são todos sinais de que a vida do Samaritano já não é “singular” mas sim “plural”: tem que contar com dois agora.

Depois desta aproximação a vida muda, as relações mudam, o plano de vida muda, a viagem da vida muda, as prioridades da vida mudam. Depois de ter-nos aproximado ao pobre nós começamos a achar tempo para os pobres, para os outros. O tempo que não tínhamos antes, agora vamos tê-lo porque mudaram as prioridades da nossa vida: agora o pobre é importante para mim. Agora, depois de me ter aproximado, sou disposto a gastar do meu tempo, do meu dinheiro, das minhas energias, das minhas forças para o bem do outro, porque já não penso somente em mim, mas penso e me preocupo do outro.

Podemos conjugar o verbo aproximar-se com mais outros três: SAIR, ENCONTRAR E CONHECER

SAIR: como aconteceu com Jesus e com o bom Samaritano, para podermos nos aproximar é necessário sair. Sair é um verbo de movimento, é uma ação que prevê um deixar (o meu meio ambiente, as minhas seguranças, as minhas idéias e certezas, as minhas relações e amizades, ...). Sair é colocar-se em caminho em direção de lugares desconhecidos (Abraão). Papa Francisco numa Jornada Mundial dos Jovens falou dos “jovens sofá” para dizer a dificuldade e o medo de sair. Em termos de relações sair é a única possibilidade de ter novidades na nossa vida. Continuando dentro nunca teremos a possibilidade de **ENCONTRAR** o outro. É o encontro com o outro que transforma a nossa vida. Foi assim com o nosso encontro com Jesus, e vai continuar ser assim com todos os encontros que tivemos e que iremos ter com as pessoas que influenciaram e influenciam, no bem ou no mal, a nossa vida. É o encontro nos dá a possibilidade de **CONHECER** o outro. Sabe-

mos muito bem o valor relacional que esta palavra tem na Bíblia. Conhecer é amar, é um encontro recíproco onde as duas partes crescem através da doação recíproca.

Se nós colocarmos toda esta reflexão em termos de ajuda e de relação com os mais pobres, é fácil perceber como a nossa sociedade (e também a nossa Igreja) seria bem diferente de como é agora se entrarmos nesta lógica. Se os discípulos de Jesus depois do encontro com ele, conseguissem sair ao encontro de todos aqueles que estão esperando uma palavra de esperança, ao encontro de todos aqueles que estão esperando um gesto de caridade e de atenção, juntando-se com todos os homens e as mulheres de boa vontade que estão lutando para um mundo melhor onde todas as pessoas são incluídas e não excluídas; claro que o mundo seria diferente, as relações entre as pessoas seriam bem diferentes.

A nível pessoal:

Jesus se aproximou aos discípulos de Emaús e caminhava com eles. Quanta paciência Jesus tem para com os seus discípulos! Depois de 3 anos de acompanhamento, de anúncio e de explicações sobre o Reino de Deus, mais uma vez Jesus se aproxima aos seus para re-começar o diálogo e o encontro. Jesus já não vive uma vida sozinho, ele caminha com os seus porque os ama e quer continuar estas relações.

Nesta nova relação inter-pessoal é que nasce a alegria de anunciar e de viver o Evangelho. Esta nova relação inicia quando passamos do EU ao NÓS. Esta nova relação é ver e reconhecer a existência do pobre, do excluído, do esquecido. Os pobres estão sempre presentes na nossa vida, muitas vezes ao lado da nossa vida, sem merecer a nossa atenção. Sem esta atitude de aproximação não pode nascer uma nova relação, não acontece o encontro que é o que transforma a nossa vida.

A nível familiar:

Uma família que vive esta dimensão de atenção aos pobres é, com certeza, uma família aberta, disponível em acolher, uma família

disponível em compartilhar o que tem (não somente bens materiais mas também tempo, carinho, educação...). Este novo tipo de relação é possível vivê-la dentro da família: entre o marido e a sua esposa, entre os pais e os seus filhos, e com todas as pessoas que vivem na casa. Uma dimensão muito importante é o processo educativo dos mais novos. Os pais são chamados a educar e a treinar os filhos nesta perspectiva de aproximar-se aos mais necessitados. A juventude que vê os adultos viverem experiências de aproximação aos mais pobres, crescem com o sentido da solidariedade e com a mentalidade que os bens materiais são importantes mas não têm a prioridade na vida. Uma família que, junto, vive experiências de aproximação é uma família que evangeliza, é uma família que procura o bem estar de todos e não se fecha dentro os seus bens, as suas ideias, os seus planos.

A nível comunitario e paroquial:

Uma comunidade cristã que se aproxima aos pobres é uma comunidade com os olhos abertos, mas sobretudo com o coração aberto e disponível. Claro, quero falar da Caritas Paroquial que tem o papel de despertar na comunidade o sentido da caridade e da solidariedade para com os mais necessitados. Mas não queremos que seja somente um problema de recolha de gêneros ou de distribuição de sacos de ajudas. Precisamos aproximar-se às situações de pobreza, encontrar, conhecer, saber o motivo daquela situação, criar com aquela pessoa uma relação de amizade e de carinho para que não se sinta sozinha na luta. Esta é aquele novo tipo de relação humana: aproximar-se significa também procurar saber melhor, saber quais são os motivos daquela pobreza para podermos dar uma resposta verdadeira e que leve a uma solução verdadeira e duradoura.

As nossas paróquias precisam ser centros de reflexão e de observação das situações de pobreza. De fato nós temos paróquias e comunidades em todo o território da nossa diocese e temos a possibilidade, através desta presença, de ter um mapeamento da situação da pobreza da nossa diocese também procurando conhe-

cer as boas práticas de outros organismos que não fazem parte da Igreja católica. Criando uma rede de comunicação e de colaboração teremos a possibilidade de estar mais próximos às necessidades.

Como Jesus se aproximou aos discípulos de Emaús, ao Cléofa e ao outro, também nós temos que nos aproximar às pessoas, homens e mulheres, aceitando que cada pessoa é particular, cada uma tem a sua situação e o seu estilo. Com a tentativa contínua de colocar a síngula pessoa no centro do meu interesse.

Também nas nossas comunidades, como nas famílias, é necessário valorizar a dimensão educativa e formativa. Os adultos e as famílias são chamadas dentro da comunidade (este é o papel da Caritas Paroquial) a animar, incentivar, promover os valores do bem comum, da partilha e da atenção aos mais pobres. É muito importante que dentro dos caminhos de formação da catequese, dos adolescentes, dos jovens o dos vários movimentos esteja sempre presente esta dimensão da caridade e da vida das relações em novo modo, à luz do evangelho.

